

# A Força da Mulher nas Comunidades Quilombolas

## Mesa Temática: Gênero, feminismo e cultura

CUNHA, Deise Teresinha Radmann – Graduanda de Licenciatura em Pedagogia – UFPel – [cunha.deise@gmail.com](mailto:cunha.deise@gmail.com)

NUNES, Georgina Helena Lima – Doutora em Educação – UFPel – [geohelena@yahoo.com.br](mailto:geohelena@yahoo.com.br)

HAERTER, Leandro – Mestre em Ciências Sociais – IF-Sul – [lhaerter2@yahoo.com.br](mailto:lhaerter2@yahoo.com.br)

ALMEIDA, André Gomes de – Graduando de Licenciatura em História – UFPel – [andre\\_gsdealmeida@yahoo.com.br](mailto:andre_gsdealmeida@yahoo.com.br)

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Etnia/Raça. Quilombos. Resistência

## Introdução/Objetivos

Este trabalho refere-se a um projeto de extensão financiado pelo MEC/SECAD que visa a construção de materiais didáticos para Comunidades Quilombolas. Tal subsídio pedagógico parte da vivência das comunidades quilombolas existentes nos municípios de Canguçu e Piratini (RS) e abordará aspectos locais articulados à História da África, a História dos negros no Brasil e no Rio Grande do Sul e a formação dos quilombos históricos e contemporâneos.

## Metodologia

O trabalho é desenvolvido através de perspectivas investigativas empíricas e teóricas. O empírico é buscado de duas formas: por meio de inserções de natureza etnográfica<sup>1</sup> nas comunidades quilombolas dos municípios de Piratini e Canguçu para coleta de dados e, paralelamente ao trabalho de campo, ocorreram Seminário de Formação para os professores da rede municipal contando também com a participação de integrantes das comunidades quilombolas. O trabalho, em um segundo momento, torna-se teórico desde o momento que se organiza as categorias emergentes do campo e a partir destas investe-se no aprofundamento acerca de temas tais como: a expropriação da terra, saúde da população negra, organização trabalho agrícola, relações de gênero, crenças e mitos, plantas medicinais, religiosidade, meios de produção quilombola, religiosidade, educação formal e informal, corporeidade negra e outros.

## Discussão:

. Durante as visitas nas comunidades foi possível notar a superioridade numérica de mulheres que lideram as Associações Quilombolas ou são presença forte nas Comunidades Remanescentes de Quilombo que são abarcadas pelo projeto.

Segundo WERNECK:

[...] as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidade, resultante de demandas de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocentrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada em que vivemos.(WERNECK. 2010. p.08)

No caso das mulheres negras e suas lutas, é possível afirmar que tais formas

<sup>1</sup>

O ponto de partida desse método é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo

organizativas tiveram participação importante na organização das ações de resistência à escravidão empreendidas ao longo dos séculos que durou o regime escravocrata no Brasil. Tais lutas continuam nos dias atuais nas Comunidades Remanescentes de Quilombos e em todos os lugares, onde, ainda, apesar de se negligenciar a dimensão e importância das articulações entre mulheres, das tradições e repertórios de agenciamento para as lutas apreendidas, durante o Projeto “Cultura, Terra e Resistência” conhecemos mulheres que nos surpreenderam: desde aquela que vai às reuniões esclarecer as verdadeiras necessidades da família, inteirando-se nas políticas de governo para com as comunidades, até aquela que constrói a sua casa até a altura de seu corpo na falta de recurso financeiro para o pagamento de uma força de trabalho mais profissionalizada.

Em todas as comunidades visitadas encontramos várias mulheres que nos mostraram o seu valor, resistindo com seu corpos delicados as intempéries que a vida lhes apresenta. Ligando essas a sua história podemos dizer que elas se utilizam do pilão, instrumento tradicional nas comunidades utilizados para moer o milho e produzir a canjica ou para descascar o arroz, lembrando da sua história, cada pancada é como um desabafo de sua vida ou de seus antepassados, que lutaram para que hoje elas estivessem na condição de libertos, durante o pilar, essas mulheres produzem seus alimentos e passam as gerações mais novas esses conhecimentos tão essenciais e que podem vir a ser esquecidos.

Outra forma importante de manutenção da vida é a cestaria, e esses saberes são passados a frente de uma forma oral, mas não é apenas no saber que podemos basear os relatos, e aqui vou valer do exemplo de D. Ivone da Comunidade Remanescente de Quilombo Potreiro Grande, que confecciona cestos para vender e quando seus filhos eram pequenos, ela colocava uma cesta nas costas para carregar os pequenos e saía a vender de casa em casa o seu produto, era a forma de ajudar no sustento da casa.

As mulheres quilombolas nascem com um dom para a liderança, não que outras não o possuam, mas estas o fazem com maestria, e essa liderança começa no lar e se estende por toda a comunidade, temos vários exemplos como D. Selina da Comunidade Manuel do Rego, que ao se ver viúva com oito filhos pequenos, resolve que a partir de então irá tirar seu sustento da agricultura familiar e organiza sua família de modo que todos possam ajudar no trabalho na lavoura, admitindo que no início era difícil, mas com o tempo tudo foi se ajeitando, os filhos foram criados e as dificuldades vencidas dentro do limite que a vida impôs. Outro exemplo seria a D. Vanda Da Comunidade Rincão do Quilombo que em situação semelhante, não mede esforços para sustentar a família, nem que pra isso seja preciso caminhar alguns quilômetros carregando um porco nas costas, ou então D. Maria da Comunidade Maçambique que além de estar em situação semelhante, pois mesmo viúva ainda tem o pulso para conduzir a família, é a presidente da associação representando a comunidade em vários eventos no Brasil a fora. E um caso antagônico mas, essencialmente curioso, é o da Comunidade Favila, onde o fundador da Associação e também primeiro presidente desta fez questão de que constasse no regimento que a presidência não poderia jamais ser exercida por uma mulher, o que elas aceitaram cordialmente, mas nas entrelinhas, durante as visitas, pode-se perceber que elas acabam fazendo valer sua vontade de uma maneira suave de conviver na comunidade.

Esses são apenas alguns dos exemplos das mulheres negras e fortes dos quilombos. Algumas, com quase 100 anos, cheias de história para contar, às vezes

não tão boas de ouvir, mas que nos deixam com a sensação de poder ser mais do que sempre nos achamos capazes de fazer na luta pela justiça social em termos de equidades de gênero, raça/etnia, classe social e todas as diferenças que produzem hierarquias sociais. Nunes (2009, p. 187), chama de “troca de vigores” a capacidade de lutar presente nas mulheres quilombolas, ou seja, “as mulheres [...] articulam tempos de memórias através da conjugação de vigores que as mantêm fortes: as novas têm vigor físico para se deslocarem para todos os lados [...]; as velhas têm o vigor espiritual de quem viveu muito e, por isso, da caminhada pregressa, constituem-se repositórios de conhecimentos”.

### **Considerações Finais ou Conclusão**

As mulheres negras desenvolvem suas estratégias cotidianas a partir de condições extremamente desvantajosas na sociedade, em disputa com os diferentes segmentos, contudo, “atrelada à tripla opressão sofrida: raça, gênero e classe social. O resistir, com toda a sua força, não as coloca em um lugar social cuja as dignidades são vividas em sua plenitude. Elas são dignas na maneira como sobejamente desafiam sistemas de autoridades masculinos e femininos continuando a dizer NÃO! “(NUNES, 2009, p.180). As mulheres dos quilombos permanecem dizendo “não” a todas as formas de expropriação sofridas pela sua condição de gênero e etnia/raça mas, que, mesmo assim, não as remove de uma luta pelas terras quilombolas que se constitui um território ancestral que não é físico mas cultural, político, enfim, um território negro de resistência e mudanças.

### **Referências Bibliográficas**

NUNES, Georgina Helena Lima. *Mulheres negras em seus protagonismos: paradoxos em relação ao gênero*. In: MICHELON, Francisca F. da et. al. **Gênero, Arte e Memória: ensaios interdisciplinares**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2009.

WERNECK, Jurema. *Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo*. **Revista da ABPN**. V-1 n-1, P. 8-17. Brasília, 2010

Não consigo acreditar que não haja uma dedicação nesse sentido e no que tange as comunidades quilombolas, as comunidades que eu pesquisei por exemplo, nós tivemos a emergência de duas lideranças, no caso a Eliete em Palmas, fundamental, extremamente importante, contatos na comunidade enfim, e a Arlete de Campo dos Martimianios também, e pra não dizer que as mulheres, por exemplo, são as grandes responsáveis pela preservação do território, importa que ela tenha a questão da unidade doméstica, que não é que gostaria que ficasse restrita a atividade doméstica, pelo contrário, mas ela é a grande responsável pelo acúmulo da atividade doméstica e as mulheres mais, da terceira idade, enfim, que são os troncos antigos né, elas não só são detentoras da história, da memória, dos saberes, que transcendem né. É muito além do que a gente pode imaginar o potencial, a capacidade que tem uma nesse processo de luta quilombola (losvadyr)